

“A GENTE COMBINAMOS DE NÃO MORRER”: Uma leitura da Necropolítica em Conceição Evaristo e Achille Mbembe

Crisóstomo Lima do Nascimento
*Professor do Programa de Pós Graduação em
Cognição e Linguagem – UENF*
crisostomolm@gmail.com

Tamara Cecília Rangel Gomes
*Estudante de Doutorado do Programa
de Pós Graduação em Cognição e Linguagem – UENF*
tamaracrangelgomes@gmail.com

Fabiana Teixeira Ramos Tavares
*Mestre pelo Programa
de Pós Graduação em Cognição e Linguagem – UENF*
fabianatrtavares@yahoo.com.br

Resumo

O artigo propõe por objetivo geral um debate interdisciplinar entre as Ciências Humanas e a literatura, a fim de elucidar as percepções acerca de fenômenos históricos e seus atravessamentos interseccionais que reverberam em nossa contemporaneidade em debates sobre a Necropolítica. Contribuem nesta discussão Evaristo (2016) e Mbembe (2020). Por objetivos específicos buscou-se tecer breves considerações acerca dos contextos histórico-sociais dos autores e dos conceitos que lhes são pertinentes neste estudo. Na metodologia adotou-se, portanto, uma revisão sistemática da literatura. Nas considerações finais apontamos possibilidades para estudos vindouros, visto que este estudo não esgota a temática.

Palavras-chave: Necropolítica; Vulnerabilidade; Comunidade.

Abstract

The article's general objective is to propose an interdisciplinary debate between Human Sciences and literature to elucidate perceptions about historical phenomena and their intersectional crossings that resonate in our contemporaneity in discussions about Necropolitics. Evaristo (2016) and Mbembe (2020) contribute to this discussion. The specific objectives sought to weave brief considerations about the historical-social contexts of the authors and the concepts pertinent to them in this study. Therefore, a systematic literature review was adopted as the methodology. In the final considerations, we point out possibilities for future studies, as this study does not exhaust the theme.

Keywords: Necropolitics; Vulnerability; Community.

Introdução

“Idago olhou para ela de soslaio, pediu a bênção e saiu. Nem desceu o morro. Vacilou, dançou. Minha mãe recebeu a notícia que ela já esperava. Foi lá, acendeu uma vela perto do corpo. Uma fumacinha-menina dançava ao pé de Idago. Só ela, a fumacinha, a mãe e eu ali velamos o corpo de meu irmão. Um tapa, dois tapas, elefantes, patas pisam a gente. Escopetas, como facas afiadas, brincam tatuagens, cravam fendas na nossa tão esburacada vida. Balas cortam e recortam o corpo da noite. Mais um corpo tombou.” (Evaristo, 2016. Pg.101).

A literatura, em sua capacidade intrínseca de refletir e questionar as complexidades humanas, frequentemente se torna um espelho das tensões sociais e políticas que moldam nossa existência. Nesse contexto, a obra de Conceição Evaristo, com sua potente voz sobre as experiências negras no Brasil, emerge como um campo fértil para a compreensão de fenômenos que transcendem a mera ficção. Seus contos e romances não são apenas narrativas; são, em essência, testemunhos e resistências que dialogam diretamente com as estruturas de poder que definem quem pode viver e quem está condenado a uma morte precoce ou simbólica. É nesse ponto de intersecção que o conceito de necropolítica, cunhado pelo filósofo camaronês Achille Mbembe, revela-se uma ferramenta analítica indispensável para desvendar as dinâmicas de poder que instrumentalizam a vida e a morte como formas de controle e dominação.

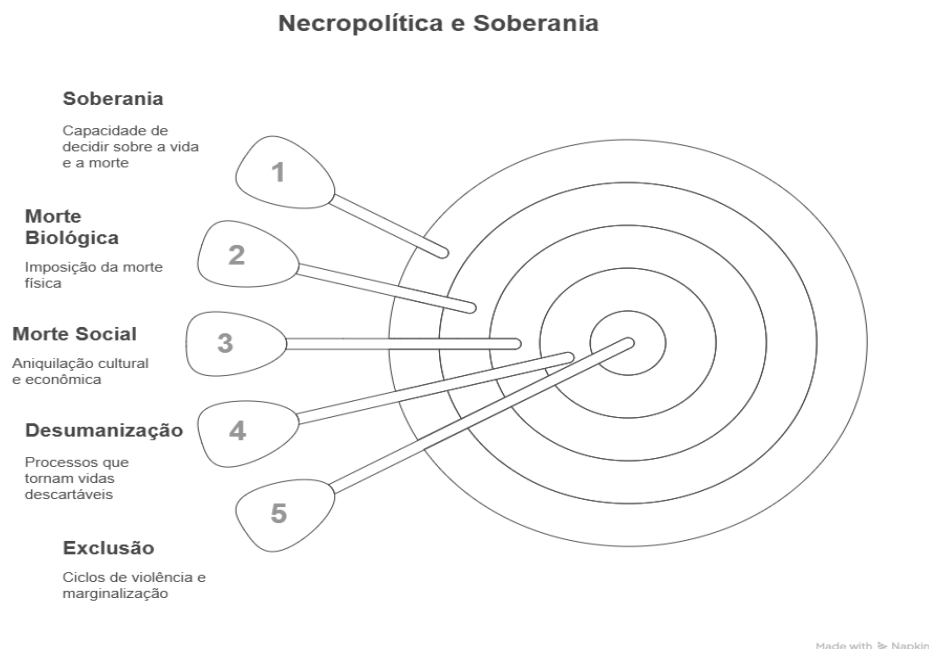
Uma breve e necessária contextualização dos autores e suas obras

Achille Mbembe, amplamente reconhecido como um dos mais perspicazes pensadores da atualidade, assume um papel central na reavaliação crítica de conceitos como escravidão, descolonização e negritude. Fortemente influenciado por figuras intelectuais como Frantz Fanon e Michel Foucault, Mbembe distingue-se por sua capacidade ímpar de analisar o cenário global contemporâneo a partir de uma perspectiva descentralizada da Europa ou, como também podemos nomear como “norte global”. Essa abordagem contribui para o desvelamento de dinâmicas de poder e as formações sociais que operam em escala mundial, para além das lentes eurocêntricas tradicionais.

Nascido em Camarões em 27 de julho de 1957, Mbembe consolidou uma carreira acadêmica de prestígio internacional. Atualmente, ele ocupa posições de destaque como professor de História e Ciências Políticas na Universidade de Witwatersrand, em Joanesburgo, África do Sul, e na Duke University, nos Estados Unidos. Suas contribuições têm sido fundamentais para o avanço dos debates sobre pós-colonialismo, biopolítica e, mais recentemente, necropolítica.

Mbembe, ao desenvolver a necropolítica, propõe que a soberania contemporânea se manifesta não apenas no poder de governar ou legislar, mas, sobretudo, na capacidade de decidir sobre a vida e a morte, de impor a morte biológica ou social a determinados grupos populacionais. Essa racionalidade, que organiza o mundo em termos de quem pode ser morto, opera através de processos que desumanizam e esvaziam de valor certas vidas, tornando-as descartáveis. A necropolítica não se restringe à morte física; ela abrange a aniquilação cultural, social e econômica, perpetuando ciclos de violência e exclusão.

Figura 1: Necropolítica e Soberania



Fonte: Elaboração própria

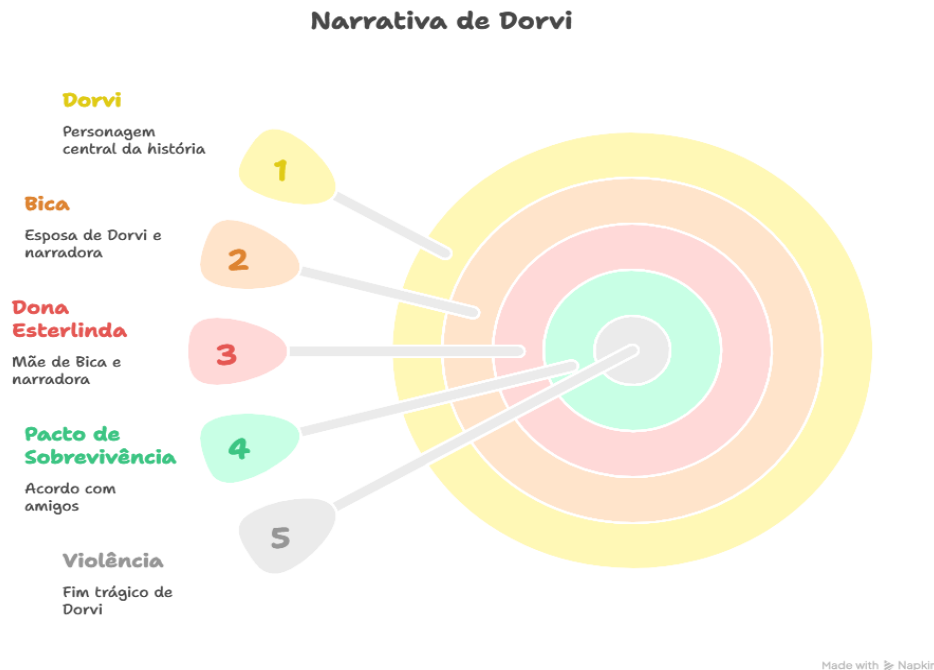
Outrossim, Maria da Conceição Evaristo de Brito, nascida em Belo Horizonte em 1946, é uma das mais proeminentes escritoras e intelectuais brasileiras da contemporaneidade. Sua trajetória de vida, marcada pela superação de adversidades sociais e raciais, é intrinsecamente ligada à sua produção literária, que se tornou um pilar fundamental para a literatura negra feminina no Brasil.

Filha de uma lavadeira e com uma infância vivida em uma comunidade em Belo Horizonte, Conceição Evaristo desafiou as limitações impostas por sua origem humilde. Trabalhou como empregada doméstica e, em 1973, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde se tornou professora da rede pública. Essa experiência de vida, aliada a uma busca incessante por conhecimento, a levou a graduar-se em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e, posteriormente, a obter mestrado e doutorado, consolidando sua formação acadêmica.

“A morte incendeia a vida, como se essa estopa fosse. Molambos erigem fumaça no ar. Na lixeira, corpos são incinerados. A vida é capim, lixo, é pele e cabelo. É e não é. Na televisão deu: - Mataram a mulher, puseram o corpo na lixeira e atearam fogo!” (Evaristo, 2016, pg. 99).

Uma leitura aprofundada da obra de Conceição Evaristo, em particular sobre o conto “A gente combinamos de não morrer”, como uma resposta visceral e uma contranarrativa potente às engrenagens da necropolítica em Mbembe, buscando evidenciar como a literatura pode ser um campo de luta, resistência, sobrevivência e re(existência) criação de estratégias de vida diante da lógica da morte.

Figura 2: Construção Narrativa de “A gente combinamos de não morrer”



Fonte: Elaboração própria

Sob o olhar de três moradores: Dorvi, personagem principal do conto, sua esposa, Bica, e de Dona Esterlinda, mãe de Bica, cuja narrativa é construída através da alternância de vozes destes personagens, que apresentam diferentes pontos de vista, sobre a história de Dorvi, que, apesar do pacto de sobrevivência que fez com os amigos, acaba também sendo vítima da violência. Conceição Evaristo abrange os socialmente excluídos, realismo, violência, solidariedade e resistência estão presentes em sua narrativa e evidenciam o compromisso e a identificação da escritora com os vulnerabilizados.

Necropolítica: O Poder sobre a Vida e a Morte

Publicado originalmente em 2016 e lançado no Brasil em 2018, *Necropolítica* é uma das obras mais impactantes de Achille Mbembe. No livro, o filósofo camaronês aprofunda o conceito introduzido em seu artigo homônimo de 2003, investigando como o poder soberano não se limita ao controle da vida, como proposto por Michel Foucault na biopolítica, mas se afirma, principalmente, através da administração da morte.

A necropolítica, em sua essência, opera criando "zonas de morte" onde certas populações são reduzidas à condição de descartáveis, sujeitas a genocídios, massacres, encarceramento em massa e violência sistemática. Mbembe explora como essa lógica se manifesta em diversos contextos, como o colonialismo, as guerras contemporâneas, a militarização das cidades e o racismo estrutural. Exemplos de espaços onde o necropoder se impõe incluem a Palestina, os campos de concentração nazistas e a violência policial nas periferias. A obra também discute figuras emblemáticas surgidas da necropolítica, como o "mártir suicida" e o "morto-vivo" ou "zumbi social", que emergem em meio a processos de desumanização e precarização extrema.

A Política da Morte

A política da morte (necropolítica) refere-se ao poder exercido por Estados e outras instituições sobre a vida e a morte, determinando quem pode viver e quem deve morrer. Essa manifestação ocorre quando governos e sistemas estruturais submetem populações específicas a condições de morte lenta, sofrimento contínuo ou extermínio direto. Isso pode ser observado através de genocídios, guerras, políticas de segurança pública, crises migratórias, desigualdades sanitárias e outras formas de violência institucionalizada. Nessas situações, o Estado e outras entidades definem quem são os "matáveis", ou seja, aqueles cuja vida é considerada descartável ou sem valor.

Para Mbembe, a necropolítica revela que a soberania moderna se exerce não apenas pelo controle da vida, mas pela administração da morte, decidindo quais grupos são sacrificáveis em nome da ordem, do lucro ou da segurança. Dessa forma, Necropolítica articula filosofia, história e teoria política para oferecer um diagnóstico contundente das formas contemporâneas de dominação e violência, tornando-se uma leitura indispensável para compreender o funcionamento do poder no século XXI.

A Importância de Conceição Evaristo para a resistência e re-existência

A relevância de Conceição Evaristo para a literatura brasileira, em especial para a produção negra e feminina, é imensurável. Ela não apenas narra a realidade e as lutas de mulheres negras no Brasil, mas também o faz com uma originalidade estilística e uma profundidade que a destacam. Sua obra, que abrange romances, contos e poesia, explora temas e evoca uma escrita que emerge da experiência de vida, das memórias pessoais e coletivas de seu povo. É uma literatura que não busca embalar os leitores, mas sim incomodá-los, confrontando-os com as narrativas dominantes.

“Se ao menos o medo me fizesse recuar; pelo contrário, avanço mais e mais na mesma proporção desse medo. É como se o medo fosse uma coragem ao contrário. Medo, coragem, medo, coragemedo, coragemedo de dor e pânico. A festa está se dando. Balas enfeitam o coração da noite. Não gosto de filmes da tevê. Morre e mata de mentira. Aqui, não. As vezes a morte é leve como poeira. E a vida se confunde com um pó branco qualquer.” (Evaristo, 2016, pg. 100).

O legado de Conceição Evaristo transcende o campo literário, influenciando o pensamento acadêmico e os movimentos sociais. Ela se tornou um símbolo de luta e resistência, abrindo caminhos para novas vozes e consolidando a literatura negra feminina como um espaço de potente afirmação e re(existência) no panorama cultural brasileiro.

A necropolítica, enquanto conceito que articula poder e morte, manifesta-se de forma contundente tanto na ficção de Conceição Evaristo quanto na performance de Jota Mombaça. No conto "A gente combinamos de não morrer", Evaristo tece uma narrativa de resistência e sobrevivência coletiva diante de um sistema que, implacavelmente, busca aniquilar a população negra. As personagens, ao "combinar não morrer", desafiam ativamente a lógica necropolítica que as condena, reiterando a força da solidariedade e da ancestralidade como ferramentas de subversão contra a violência estrutural. A obra de Evaristo não apenas denuncia a operacionalização da morte, mas também celebra a potência da vida que insiste em florescer mesmo sob as condições mais adversas, revelando a necropolítica como uma força que atua não só na imposição da morte, mas na supressão das condições de vida digna.

Este tema, certamente, não se esgota neste breve debate. Em discussões vindouras serão bem vindas as contribuições de toda potência de Jota Mombaça, em "Não vão nos matar agora" e como a autora (mulher preta e travesti) performatiza essa mesma urgência e enfrentamento à necropolítica, mas em um registro que transborda a materialidade da arte para o corpo e a voz.

“Não vão nos matar agora porque ainda estamos aqui. Com nossas mortas

amontoadas, clamando por justiça, em becos infinitos, por todos os lugares. Nós estamos aqui e elas estão conosco, ouvindo esta conversa e nutrindo o apocalipse do mundo de quem nos mata. Já não temos tempo, mas sabemos bem que o tempo não anda só para a frente. Não vim aqui para cantar a esperança. Não temo a negatividade desta época, porque aprendi com os cálculos de Denise da Silva Ferreira que menos com menos dá mais e, portanto, nossas vidas negativadas se somam e se multiplicam à revelia. Então eu vim para cantar à revelia. À revelia do mundo, eu as convoco a viver apesar de tudo. Na radicalidade do impossível. Aqui, onde todas as portas estão fechadas, e por isso mesmo somos levadas a conhecer o mapa das brechas. Aqui onde a noite infinita já não nos assusta porque nossos olhares comungam com o escuro e com a indefinição das formas. Aqui, onde apenas morremos quando precisamos recriar nossos corpos e vidas. Aqui, onde os cálculos da política falham em atualizar suas totalizações. Aqui, onde não nos cabe salvar o mundo, o Brasil ou quem quer que seja. Onde nossas vidas impossíveis se manifestam umas nas outras e manifestam, com sua dissonância, dimensões e modalidades de mundo que nos recusamos a entregar ao poder. Aqui. Aqui ainda”. (Mombaça, 2023. p.14).

A obra da artista ecoa a determinação de não ceder à violência e à invisibilização, transformando a performance em um ato de insurgência e de afirmação da existência. Este trabalho gera a denúncia de um sistema que define quem pode viver e quem deve morrer, mas, elas nos presenteiam com a perspectiva da agência e da recusa em aceitar o destino imposto, consolidando a ideia de que, mesmo diante da necropolítica, há sempre a possibilidade de forjar estratégias de vida e de luta.

Referências:

- EVARISTO, Conceição. “A gente combinamos de não morrer”. In: **Olhos d’Água**. RJ: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: N-1 Edições, 2020.
- MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. RJ: Cobogó, 2023.